



À frente do Maracatu Leão Coroado desde 1997, Afonso Filho repassa ensinamentos do mestre Luiz de França, recusando com humildade as honrarias da função

Para falar sobre o atual mestre do maracatu Leão Coroado, Afonso Filho, é preciso voltar mais de cem anos no tempo, para falar sobre o nascimento do filho do escravo libertado Loreano Manoel dos Santos. Luiz de França nasceu no bairro de São José no ano de 1900, quando o lugar abrigava escravos recém-libertos que viviam de empregos de baixa remuneração e praticavam cultos africanos às escondidas no interior das habitações. Já na velhice, seu Luiz de França recordaria com detalhes a convivência intensa no terreiro de candomblé de tia Inês, que lhe daria os primeiros ensinamentos sobre a religião da qual seria também um mestre. Muito ortodoxo na manutenção do terreiro e do Leão Coroado - maracatu fundado por seu Loreano - seu Luiz era também um homem bastante severo quando assumia a liderança. Luiz de França confessava que tinha aprendido tudo com a tia Inês, mas estava decidido a não repassar os fundamentos religiosos. Por outro lado, mesmo de trato rude, repassou para centenas de batuqueiros a maneira de tocar as alfaías, tal qual seu pai lhe havia ensinado. E, pouco antes de morrer, como se prevendo sua partida, instalou-se por alguns dias na casa

de Afonso Filho, que havia herdado a diretoria do maracatu, para ensinar-lhe também tradições que até hoje se mantêm.

“É por isso que não me considero um mestre, sou o discípulo de Luiz de França e tudo que faço é por que ele quis assim”, responde Mestre Afonso, que assumiu a liderança do Leão Coroado em 1997, realizando deste então oficinas com jovens que se interessam pelos batuques dos maracatus. Neste domingo, enquanto os leitores lêem esta reportagem sobre a sua história, ele está retornando ao Recife de uma viagem às Ilhas Canárias, onde desfilou com o maracatu e promoveu oficina de batuque.

Presente - Afonso não tinha qualquer ligação com o Carnaval do Recife quando chegou à direção do Leão Coroado. Era ligado apenas ao candomblé e foi chamado em outubro de 1996 a uma reunião da Comissão de Folclore de Pernambuco, que intercedeu na aflição de Luiz de França. “Ele estava aperreado, o maracatu estava se acabando e ele dizia que a vontade era botar fogo em tudo, não queria dar o maracatu para ninguém”, recorda Afonso, que saiu daquela reunião já com a responsabilidade de tocar o Leão Coroado. Luiz de França não teve outro jeito senão concordar, mas ficou meio “amuado” naquele dia. Em

dezembro daquele ano Luiz foi à casa de Afonso dizer-lhe que havia recebido uma mensagem dos orixás, e que estava convencido de que Afonso era de confiança.

Luiz de França, que dizia não repassar seus ensinamentos, pediu então para ficar na casa de Afonso por uns dias. “Todos os dias iam dormir às 2h da manhã, ele me dizendo como era o maracatu, o baque, as loas, a organização, e até mesmo as obrigações com a religião. Criticava as mudanças que estavam sendo impostas pela Federação, sobretudo nos batuques, toadas, entrada de novos instrumentos, vestimentas... ele dizia, ‘isso é maracatu’, ‘olha mano, o batuque é esse’”, recorda.

O baque do Leão Coroado é por esta influência de Seu Luiz um dos mais lentos e cadenciados de todos os grupos do Recife. Algumas alfaías ainda são de macaíba, confeccionadas pelo próprio Luiz de França. A fidelidade a um formato antigo, no entanto, não afasta o grupo do mercado cultural, composto também por maracatus mais “modernos”. Desde 1997, Afonso já conduziu o grupo por viagens ao Sul e Sudeste do País, além da turnê por terras estrangeiras. Mesmo assim, para ele, mestre continua sendo Luiz de França. “Eu só sou o seguidor, vou mantendo a tradição, mestres são os que estão mudando”, declara.



Abrindo alas para o candomblé nas ruas

Pessoa consagrou-se no afoxé Alafin Oyó, incentivou o surgimento de inúmeros outros, e este ano sai com o estreante Ogum Toberinam

Ogã: tocador de tambores para os orixás, aquele que com um toque rítmico específico, estabelece contato com vibrações superiores e é capaz de provocar o encantamento num filho-de-santo, sua incorporação por algum orixá predileto. Rivaldo Pessoa nasceu dentro de um dos candomblés do Recife. No ano de 1978, fez parte do que seria no Recife a primeira tentativa de levar a energia dos toques e cânticos dos terreiros de candomblé para as ruas. Na Bahia, a prática dos afoxés era mais antiga. Aqui, começaria com o grupo chamado Ilê de África, que teria Pessoa como um dos seus alabês. Afoxé, na definição generalizada de vários dos seus integrantes, é o candomblé nas ruas. É o modo do povo negro, que cultua a religião negra, aproveitar a permissividade do Carnaval para sair às ruas e falar das coisas que acredita, sem sofrer tanto preconceito.

Pessoa fez parte do Ilê de África, o primeiro afoxé do Recife, e depois integrou o Axé Nagô, uma dissidência, que deu origem ao Ara Odé, desses todos o mais importante para a proliferação de novos afoxés. O Ara Odé provocou o surgimento de vários e incentivou a criação de outros tantos,

formados por integrantes de várias outras casas ou terreiros de religião africana ou mesmo mestiça (como a umbanda) existentes no Grande Recife, sobretudo nas suas periferias. Rivaldo Pessoa, ou somente Pessoa, como é conhecido no meio artístico cultural, consagrou-se no afoxé Alafin Oyó, grupo que fez parte por 16 anos, e saiu recentemente por desavenças pessoais. Neste Carnaval, será a primeira vez que sairá com um novo grupo de afoxé, o Ogum Toberinam.

Regras - Pessoa conta que os orixás são a inspiração para as músicas e o toque do afoxé. Apesar de muitos grupos de afoxé terem hoje voltado suas expectativas para as questões de mercado, muito mais que as religiosas, ele explica que sua batalha sempre foi equilibrar as duas questões: fazer apresentações na cidade e ao mesmo tempo manter e divulgar os fundamentos religiosos do candomblé. Com um certo cuidado, pois no afoxé não podem ser cantados os mesmos cânticos dos terreiros, sob pena de algum dos participantes incorporarem o santo ou o orixá. De todas as manifestações existentes no Carnaval, o afoxé é certamente a tradição mais fechada.

Diário de Pernambuco- 06/02/05- C.10 - Jovens renovam tradição do maracatu





Morgana Vidal, 23 anos, ganhou experiência antes de ser rainha do Maracatu Leão Coroado

Renata Beltrão

DA EQUIPE DO DIÁRIO

Sob as coroas e chapéus de bojo, segurando calungas ou carregando alfaias, nunca houve tanta gente jovem integrando os maracatus pernambucanos. Redutos de tradições tão antigas quanto o período da escravidão, os grupos sempre se valeram da renovação gradual de seu quadro de integrantes para sobreviver ao tempo. A novidade é que os adolescentes já vêm aparecendo como maioria em muitos maracatus, buscando os grupos por influência de parentes, vizinhos e até da mídia, que tem dedicado ao folguedo cada vez mais a importância que lhe é devida. Respeitando a hierarquia razoavelmente rígida dos *brinquedos*, alguns jovens alcançam postos de destaque mesmo com a pouca idade.

Um dos maracatus mais antigos do Recife, o Leão Coroado, tem uma garota de apenas 23 anos como sua rainha. Um feito e tanto para Morgana Menezes Vidal, considerando que a lendária Dona Santa, homenageada da Capital este ano, ocupou o posto antes de ser imortalizada como rainha do Elefante. Morgana recebeu a missão há cinco anos, depois de passar por vários personagens da Nação. "Comecei por acaso, indo aos ensaios com um colega que já participava. Entrei como baiana e cheguei a ser dama do passo (personagem que leva a calunga). Como rainha, eu tenho que ajudar a organizar o pessoal nas apresentações", explica Morgana.

Necessidade – O mestre do Leão Coroado, Afonso Gomes Filho, explica que a inserção de adolescentes foi quase uma necessidade. "O maracatu nasceu no bairro de São José, mas por volta de 1996 ele estava em uma situação difícil e nem participou do Carnaval. Foi quando levamos para Águas Compridas e reiniciamos o trabalho. Não tinha gente suficiente e fomos chamando os jovens", afirmou. Hoje, eles são maioria absoluta no grupo e até um menino de oito anos integra a tropa oficial de batuqueiros. Com o fôlego da juventude, o Leão Coroado hoje tem reconhecimento internacional – em pleno Carnaval, parte do grupo embarcou para apresentações nas Ilhas Canárias.

A renovação também é uma constante nos maracatus rurais ou de baque solto. Aqui, a influência da mídia sobre o interesse dos jovens é bem maior. "A presença de crianças e adolescentes não é uma coisa nova, a renovação sempre existiu por conta do convívio dos jovens com parentes que já participavam. Hoje é um dos motivos é a divulgação do caboclo de lança como símbolo de pernambucanidade", diz a pesquisadora e jornalista Maria Alice Amorim. O maracatu rural Piaba de Ouro, fundado por Mestre Salustiano, outro homenageado do Carnaval do Recife, hoje é levado principalmente pelos filhos: Cleiton Salu (o *Saluzinho*) e Pedro Salustiano. "Para entrar basta interesse. Dos 250 componentes, a maior parte é de universitários", afirma Pedro.

